

J o r n a l

O COLA

De Letras, Para Letras



4ª Edição

(CONTRA)



O Cola Descomplica

«Usar a casa de banho para a satisfação das nossas necessidades fisiológicas é algo que faz parte da nossa rotina diária, porém, para muitos, é um fator de stress emocional.»

Retrato Tropicalista

«O que isto significa é que, através de uma aparente falsa felicidade, se expunham problemas sociais e políticos.»

Cultura - O

Fenómeno de cultura é uma questão problemática e inerentemente política: qualquer tentativa de definição terá, por necessidade, de incluir ou excluir.»

Manifestação contra o assédio

«(...)Para que possamos dizer mais alto que somos pessoas, e não o que quer que seja que acham que nós somos quando nos tratam da maneira que nos tratam»

A Flauta do Amolador

«Já não queria só jogar futebol, conduzir carros a alta velocidade ou ler BDs de aventuras míticas, queria viver uma história como a de Orfeu e Eurídice; ansiava por fatalismo romântico.»

Índice

○ Nota Editorial.....	2
○ Nota Aba Memorial.....	4
○ Alvim, Margarida, <i>Manifestação contra o assédio sexual e o machismo na Universidade de Lisboa</i>	6
○ Anónimo, <i>Meia-luz</i>	14
○ Anónimo, <i>[Ela] Completa-me (e outras provas de amor)</i>	15
○ Riscado, Cláudia, <i>A Flauta do Amolador</i>	16
○ Azevedo, Ciça, <i>Retrato Tropicalista</i>	21
○ Calheiros, Lucas, <i>Um só Filho</i>	27
○ Correia, Tiago, <i>Cultura - O Fenómeno</i>	28
○ Correia, Tiago, <i>Sutura</i>	36
○ Ferreira, Clara, <i>A cultura portuguesa e o inalcançável 1%</i>	37
○ Ferreira, Clara, Sofia Lopes, <i>O Cola Descomplica: Casas de Banho de Género Neutro</i>	40
○ Gonçalves, Gonçalo, <i>Entrevista a feirantes da Feira Barata</i>	45
○ Lopes, Sofia, <i>Matérias Eternas</i>	48
○ Lopes, Sofia, <i>O meu eu, circa 2019</i>	49
○ Santos, Bruna, <i>De aspirante a Veterinária para Mestre em Comunicação: uma jornada tardia, mas atempada</i>	50
○ Vaal, <i>Entre Águas Rasas</i>	54



Nota editorial

Às pessoas que nos leem,
às que confiam em nós para tratar e publicar os seus textos,
às que nos apoiam à distância, com um like e uma partilha,
o nosso Muito Obrigado. É com muito prazer que nos apresentamos, de novo,
ao público, com a esperança de cumprir aquilo a que nos propomos ser: um
jornal de Letras, para Letras.

Os últimos tempos têm sido atribulados – para todos nós, de uma forma geral
– e, no Cola, fomos obrigados a lidar com vários semáforos amarelos no
trajeto que nos traz da terceira edição até aqui. Esta nota de abertura, mais do
que uma nota de abertura, uma introdução, ou um agradecimento, surge como
um pedido de desculpas. Por alguns motivos que nos foram alheios, e outros
cuja responsabilidade assumimos, não conseguimos, no último ano,
concretizar a missão a que nos propusemos. Não só isso, mas deixámos ainda
à nossa espera colegas que nos confiaram os seus textos e só agora os verão
publicados. Reconhecemos que o que se passou não poderá nunca voltar a
acontecer e que temos estado a trabalhar arduamente para que, de facto, não
aconteça.

Tudo isto leva-nos a um segundo pedido de desculpas – esta quarta edição
seria a nossa primeira edição impressa. Estaria em formato físico, nas vossas
mãos. Poderíamos distribuí-la, tocá-la, guardá-la para recordação.
Infelizmente, também isso não foi possível, uma vez que não nos faz sentido
lançar uma edição física numa altura em que os corredores da nossa
faculdade estarão vazios, sem ninguém que a leia. Adiar, novamente, a quarta
edição estava, contudo, fora de questão. E por isso aqui estamos!



É com o coração cheio e com orgulho neste projeto e neste trabalho que vos apresentamos a quarta edição do jornal O Cola – e a nossa primeira edição enquanto núcleo da AEFLUL. É ainda partilhando dessas emoções que assumimos, novamente, o compromisso que temos para com a comunidade académica da FLUL – queremos que se sintam representados, queremos ajudar-vos a divulgar a vossa voz, a vossa história, as vossas mensagens. Somos de Letras para Letras e estamos, agora mais do que nunca, preparados para trabalhar em prol desta casa.

Gostaríamos ainda de endereçar uma palavra de agradecimento a todos os antigos membros que, por uma razão ou outra, já não se encontram a trabalhar connosco. Somos imensamente gratos pelo seu trabalho na edificação d'O Cola, pelo seu contributo ao longo do tempo e por nos terem aberto as portas, para que também pudéssemos juntar a nossa voz à d'O Cola. Desejamos-lhes toda a sorte e sucesso do mundo nos seus futuros projetos.

Por fim, endereçamos, novamente, um Muito Obrigado a todas as pessoas que nos leem e/ou nos confiam os seus textos – nem esta edição, nem qualquer outra seria possível sem vocês. Obrigado!



Nota Aba Memorial

Esta aba destina-se à publicação dos textos que nos foram confiados, mas que, infelizmente, não foram publicados no seu tempo. Porém, continuam a ser do seu tempo. Por esta razão, decidimos imortalizar, quer pela sua frescura, quer pelo seu encanto, as submissões que nos foram propostas durante esta altura.

Queremos honrar o compromisso que fizemos com as pessoas e, assim, honrar o seu esforço e contributo ao jornal O Cola. Felizmente, apenas um dos textos é que se encontra "desatualizado" perante a data atual. Esta submissão consiste numa análise e previsão das eleições legislativas de janeiro de 2022.

Desfrutem deste texto que guardámos, bem "guardadinho", para vocês.

Boas leituras!



Descomplicar a Política: Paradigma Político Português para as Legislativas de 2022

No passado dia 5 de dezembro, o Parlamento foi dissolvido pelo Presidente da República Portuguesa, Marcelo Rebelo de Sousa, após o chumbo do Orçamento de Estado para 2022. Este contou com os votos contra do PSD, CDS-PP, Chega, Iniciativa Liberal, PCP, PEV e Bloco de Esquerda. Apenas o PS votou favoravelmente, tendo ainda contado com a abstenção do PAN e das deputadas não-inscritas Joacine Katar Moreira (ex-LIVRE) e Cristina Rodrigues (ex-PAN).

Este poder do Presidente está previsto no artigo 133.º da Constituição da República: «e) Dissolver a Assembleia da República, observado o disposto no artigo 172.º, ouvidos os partidos nela representados e o Conselho de Estado»(1). Foi utilizado num total de oito vezes desde 25 de Abril de 1974 – três vezes pelo General Ramalho Eanes (em 1979, 1983, 1985), apenas uma vez por Mário Soares (em 1987), duas vezes por Jorge Sampaio (em 2002 e 2004), por Aníbal Cavaco Silva no ano de 2011 e agora por Marcelo Rebelo de Sousa.

Dada a situação apresentada, o país aproxima-se de eleições, tendo estas sido convocadas para 30 de Janeiro de 2022.

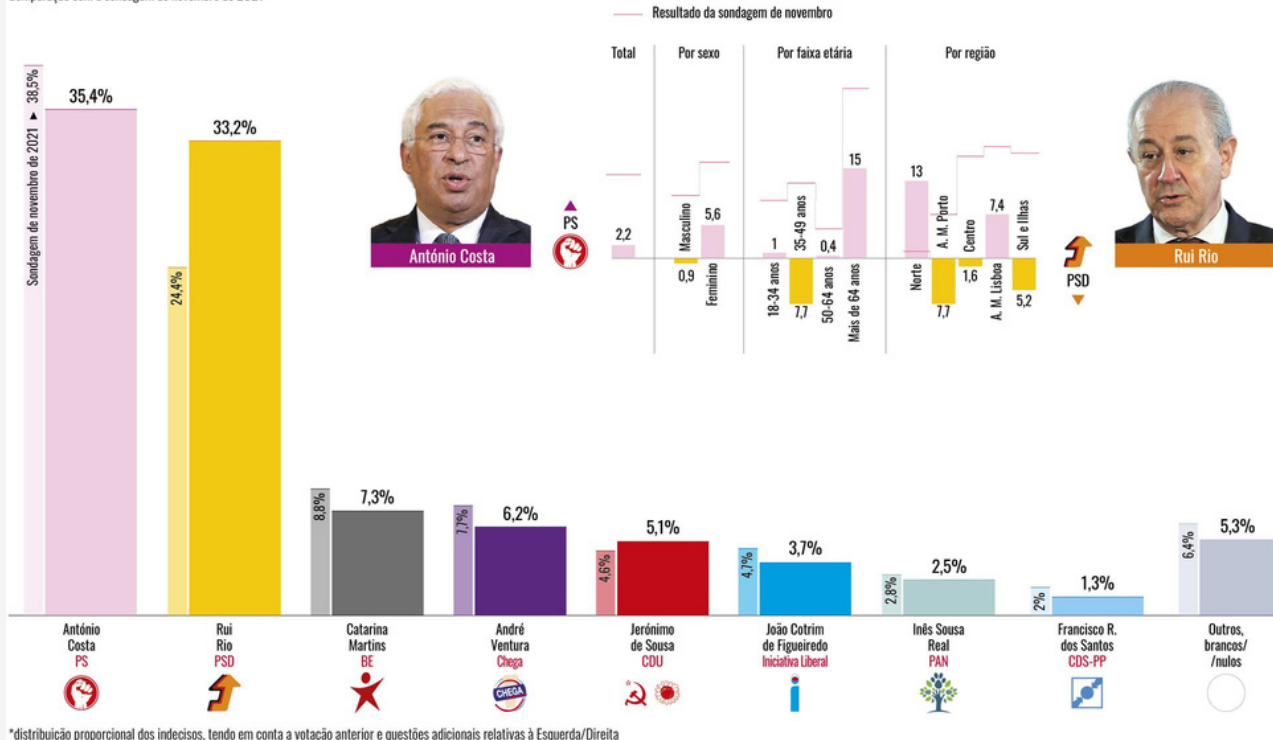
A última sondagem disponível – feita pela Aximage, no dia em que esta crónica é escrita (29/12/2021), revela resultados, no mínimo, curiosos e surpreendentes, já que houve uma alteração significativa nos números do principal partido da oposição: PSD.

O Partido Social-Democrata registou um aumento de 8,8% nas intenções de voto face à sondagem de novembro – também da Aximage – e o Partido Socialista desceu 3,1%.

(1) Constituição Da República Portuguesa. n.d. Accessed December 29, 2021. <https://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx#art133>.

Tabela: Aximage, Diário de Notícias (18 de Dezembro de 2021)

Legislativas - sondagem

Intenção de voto com distribuição de indecisos*
Comparação com a sondagem de novembro de 2021

*distribuição proporcional dos indecisos, tendo em conta a votação anterior e questões adicionais relativas à Esquerda/Direita

Esta subida exponencial do PSD nas sondagens pode ser explicada por alguns fatores bastante concretos:

- Perda de eleitorado por parte do CDS-PP que se desloca para o PSD;
- Perda de eleitorado do PS (devido ao chumbo do Orçamento, Pandemia, caso de Eduardo Cabrita, perda da Câmara de Lisboa) que vota habitualmente ao Centro;
- Campanha pelo voto útil, fator que retira sempre votos aos partidos ditos mais pequenos, neste caso IL e CH!

A verdade é que, apesar da forte tendência de subida nas intenções de voto, a Direita portuguesa toda junta (38,2%) – excluindo o CH! – continua a não conseguir derrotar a Esquerda unida (47,8%).

No entanto, como foi verificado no chumbo do Orçamento de Estado, a Esquerda – ou a chamada “Geringonça” – não se está a entender e, ao que tudo indica, dificilmente os parceiros à esquerda do PS – BE e CDU – darão a António Costa o mesmo voto de confiança que deram em 2015 com os acordos assinados e que, por decisão do PS, não foram renovados em 2019.



Portanto, quais são, afinal, os cenários mais prováveis ou possíveis?

Bem, Rui Rio não tem escondido a disponibilidade para formar um Bloco Central (PS e PSD) com António Costa, porém o Secretário-Geral do Partido Socialista diz que essa opção está fora da mesa de discussão. Veremos.

Outra das hipóteses é, de facto, que o líder Socialista venha a conseguir o que já pediu em várias entrevistas que deu: maioria absoluta. É improvável. Muito improvável. Mas na política nunca se sabe e há que lembrar que os debates de Janeiro poderão ter um papel determinante na escolha final dos Portugueses. É sabido que António Costa é particularmente hábil na forma como enfrenta os seus adversários no frente-a-frente, não fossem os seus longos anos de política e de experiência no confronto direto.

É possível colocar a hipótese de uma maioria à Esquerda, ou à Direita. Ambas bastantes distantes da realidade – à Esquerda, os partidos não se mostram disponíveis para negociar e à Direita (PSD, IL, CDS), a matemática não está a seu favor, a menos que seja incluída nas contas a força da Extrema-Direita (e que mesmo assim podia não ser suficiente, caso a Esquerda decidisse meramente unir-se em oposição à adesão do Chega a um Governo). Em princípio não acontecerá, mas o precedente está aberto. Nos Açores, a solução da Direita passou por fazer acordos com o Chega. Passará este modelo para o Continente? Não é um cenário completamente descartável. Rui Rio é muito ambíguo quanto à sua posição acerca do partido de André Ventura e o cheiro a poder que por vezes se sente na cozinha eleitoral é mais forte que a qualidade do prato.

No fim de contas, nos dias de hoje, tudo é ainda um pouco incerto.

A vitória do Partido Socialista pode parecer uma constante agora e durante os debates tornar-se uma variável – ou o oposto, pode tornar-se uma constante ainda mais forte. Uma coisa é certa e António Costa já o disse: a decisão para Primeiro-Ministro é entre ele e Rui Rio. Naturalmente, esta afirmação é um apelo claro ao voto útil, fenómeno que em Portugal pega bem, mas que nas democracias mais sólidas como a alemã, sueca, ou norueguesa não é algo que seja mencionado com a preponderância de cá.



Os partidos desses países – e de outros igualmente saudáveis no que diz respeito à sua democraticidade – são obrigados a formar coligações e entendimentos multipartidários. Na Alemanha, por exemplo, foi recentemente assinado um acordo entre três partidos: SPD (de centro-esquerda), *Greens* (esquerda) e FDP (liberal), todos eles com diferenças consideráveis – principalmente se for comparado o campo ideológico dos *Greens* e do FDP – mas que através de várias reuniões e negociações acabaram por chegar a um consenso. Só revela a solidez democrática do sistema e do eleitorado, que vota nos partidos em que realmente se revê, sem necessidade de ceder a votos úteis – algo que faz falta a Portugal.



Manifestação contra o assédio sexual e o machismo na Universidade de Lisboa

No passado dia 7 de abril, pelas 18:00h, convocada pelo Movimento Contra o Assédio no Meio Académico de Lisboa, realizou-se em frente à Reitoria da Universidade de Lisboa uma manifestação contra o assédio sexual e o machismo na comunidade académica. Segundo a Agência Lusa, este movimento formou-se no início de março, sendo constituído por elementos da Faculdade de Direito, da Faculdade de Medicina, do ISCTE e do IGOT.

Vale a pena sublinhar que a manifestação estava a ser organizada ainda antes da publicação do Diário de Notícias, do dia 4 de abril, intitulada: «10% dos docentes da Faculdade de Direito da ULisboa denunciados por assédio e discriminação». Na página de Instagram do Movimento, encontra-se, datada do dia 31 de março, uma publicação de divulgação da Manifestação.

A manifestação começou à hora certa, juntando-se entre centena e meia e duzentos alunos em frente à Reitoria. No lado direito, o lado da Faculdade de Direito, estavam as câmeras e os repórteres, ou seja, toda a comunicação social. Do lado oposto, o da Faculdade de Letras, meia dúzia de agentes da Polícia de Segurança Pública. Ao centro, entre os manifestantes e a fachada cor-de-rosa da Reitoria, uma fila de grades metálicas na escadaria da entrada. Nesta aparente calma, ouviam-se palavras de ordem e vários discursos através do altifalante. Os manifestantes ergueram vários cartazes escritos com frases como «Medo, até quando?», «Assédio não é elogio» ou ainda «Ser aluna não deveria ser fator de risco».

Entre a mais de hora e meia que durou a manifestação foram várias as palavras de ordem proferidas pelos manifestantes, muitas repetidas pelos cartazes e ecoadas em uníssono pela multidão. Várias são dignas de nota, como: «Senhor Reitor, responsabilize, por favor! », «Assédio abafado, abaixo o patriarcado!», «Deixem passar, sou feminista e o mundo vou mudar!», «A nossa luta é todo o dia, somos mulheres, e não mercadoria!». Um grupo de estudantes da Faculdade de Direito erguia um pano branco com «Proteção à Vítima» e «À Justiça o que é da Justiça».



Entre os vários oradores encontravam-se estudantes da Faculdade de Direito, alguns pertencentes a grupos de minorias. Houve palavras de «desordem» contra a xenofobia e o racismo, que certos alunos oradores expressaram sentir, para além do assédio sexual e moral. O voo baixo dos aviões abafou o testemunho de uma aluna da Faculdade de Direito enquanto esta dizia, num comentário à notícia que saíra três dias antes «O que me choca é que isto não me choca».

Do lado esquerdo da Alameda da Cidade Universitária, vários grupos de praxe subiam a encosta vindos do Campo Grande. Um deles, com alunos com penicos na cabeça, caminhava a escassas dezenas de metros da multidão junta em protesto. Pareciam querer competir com os cânticos da manifestação, através de gritos.

Entrevistámos alguns alunos presentes na manifestação contra o assédio e o machismo, as perguntas feitas eram idênticas em todos os questionários. Tentámos ter uma representatividade mínima do ajuntamento. Muitos, se não a maior parte dos alunos, eram da Faculdade de Direito. A maior parte dos estudantes encontravam-se inseridos em pequenos grupos ou formavam pares com outros colegas.

Em resposta à pergunta «Já sabiam destes casos, antes de serem noticiados?», um aluno da Faculdade de Direito afirmou: «Já há casos que se sabia, mas uma pessoa tem sempre aquela situação complicada que é, por um lado não se quer dar crédito a boatos que podem ser infundados. Mas sim, muitos dos casos que se fala agora, que estão nas notícias, já havia rumores com um conteúdo exatamente igual». Uma colega respondeu: «Já se sabe. É conhecimento comum, quando se entra na faculdade ouve-se logo histórias». Em resposta à questão «Acham que a faculdade tem ferramentas para lidar com estes relatos, estas denúncias?», outro aluno respondeu: «Parece que se calhar não tem as suficientes. Estão a ser elaboradas algumas, agora, podemos questionar se um código de boas condutas é suficiente ou não. Pelo comité da Diretora, parece que não são as suficientes».



Quando colocada a questão «Acham que este problema é só da vossa faculdade, ou acham que é mais abrangente, e que de facto é a Universidade que tem de lidar com este problema e não só a Faculdade de Direito?», um outro aluno respondeu: «Eu acho que não é só da faculdade de Direito. (...) Agora a Faculdade de Direito, digamos, é o centro das atenções porque os próprios alunos em conjunto com alguns professores elaboram a tal comissão e isso deu azo a que esta situação pudesse ser pública. Existe, quase de certeza, em outras faculdades, mas que ainda não houve, digamos, este passo que foi dado na Faculdade de Direito. E acho que essa é a grande diferença, mas eu acredito que o problema seja geral e abrangente a mais Faculdades além da de Direito».

Uma aluna da mesma Instituição diz: «É assim, nós também não temos bem a noção do nível de gravidade das denúncias. A maior parte não são públicas. Pelo que nós sabemos... Por sorte nenhum de nós nunca sofreu nada do que estamos aqui a protestar contra, felizmente. Mas pronto, ouvimos histórias de colegas que já sofreram assédio moral, pelo menos eu conheço pessoas que já... o mais comum é assédio moral. Não conheço ninguém que tenha passado por assédio sexual, mas sei que existe, é gravíssimo. E se numa Faculdade de Direito, que é de Direito, não conseguem resolver este problema, não sei...». A mesma aluna para responder à questão «Achas que quem tem de lidar com isto é a Universidade ou a faculdade, no futuro, vai conseguir mudar as suas atitudes?», esclarece: «Não sei, eu acho que isto tem de ser um esforço comum, não é? Isto não acontece só na Faculdade de Direito. Agora houve um escândalo na Faculdade de Direito, mas isto acontece em todas as faculdades e há casos em todas as faculdades. Acho que isto também tem que ser um bocado o esforço da Universidade, de tentar extinguir. [...] porque, nós viemos aqui para estudar, não para ser assediados, não é? [...] não é um ambiente em que nós queiramos estar, nem devemos estar. E pronto, é um esforço da faculdade e dos docentes de erradicar estas práticas.»



Já uma aluna da Faculdade de Arquitetura diz: «Estou aqui porque acho que é sempre importante falarmos sobre estas coisas e não termos vergonha de mostrar que, sim, estas coisas acontecem; e que devemos pedir que alguém se responsabilize por isso. Isto é uma coisa que é comum nas faculdades, apesar das pessoas não falarem muito sobre isso. Então, sim, acho que é sempre bom, apesar de eu não ser da Faculdade de Direito, vim cá dar um apoio».

Em resposta a «Achas que este tipo de acontecimentos é generalizado pelas outras instituições da Universidade de Lisboa?», a mesma esclarece: «Não. Mas eu acho que as instituições têm um bocado de medo de falar sobre isso, e de trazer, tipo, à tona aquilo que às vezes acontece nas faculdades. E, que muitas vezes, as pessoas têm também, medo de fazer as denúncias. Por medo, exatamente, pelos professores dizerem: “olha faz aquilo,[...] eu posso chumbar”», e acrescenta que, «Sim, exatamente (relativamente às relações de poder).[...] Acho que é positiva a atitude que a Faculdade de Direito está a ter. Não são todas as faculdades que têm assim a coragem de fazer a quantidade de denúncias, ainda por cima, de trazer isto a público e de mostrar, que sim, existe isto, que sim, acontece isto nas instituições académicas, hoje em dia». E remata: «[...] Todas as faculdades, toda a gente conhece os professores que normalmente são os mais “engraçadinhos” com as alunas, principalmente».

Outra aluna, da Faculdade de Letras, compareceu à manifestação e partilhou: «Por apoio, por apoio a toda a comunidade da Universidade de Lisboa, por todas as pessoas que não se sentem confortáveis, por todo o desconforto que eu já senti. Para que possamos dizer mais alto que somos pessoas, e não o que quer que seja que acham que nós somos quando nos tratam da maneira que nos tratam». E acrescenta: «Há relações de poder em quaisquer graus, sendo entre um superior ou um igual ou uma relação de poder entre géneros ou qualquer outra categoria. E eu, pessoalmente, sinto mais a relação de poder quando estou a falar com os meus colegas. Com os professores é difícil para mim descrever, até porque não tive muitos professores homens, até agora. As minhas professoras, mulheres, têm sido muito simpáticas, muito acessíveis. Não sei mesmo descrever, talvez suspeite, mas não consigo perceber. E não consigo fazer a pergunta, não



tenho como fazer a pergunta». Em resposta à questão: «Se a faculdade em si, enquanto instituição, tem órgãos de apoio aos alunos, para relatar estes casos, se os há? Ou não tens conhecimento?», diz: «Sim, existe conselho pedagógico, a associação de estudantes também faz em comunicação com os órgãos de poder. Mas acho que não é um caminho óbvio». Outro aluno da mesma faculdade refere que: «[...] pelo que eu vejo, o conselho pedagógico é um bocado fraquito. Mas, de resto, o único sítio que eu sei que os estudantes podem fazer reclamações é na Associação de Estudantes. Não sei de mais nenhum lado que possa ser feito, na nossa faculdade».

Quando alguém nas escadas discursava e ficava sem palavras, as salvas de palmas da multidão ajudavam. Pelas sete e meia aparece um grupo de crianças do lado de dentro da reitoria, algumas juntam-se a adultos que as vieram buscar. Passado nem dez minutos, algumas jogam à bola à frente da manifestação. A poucos metros, uma aluna dá pequenos saltos, a imitar o «Deixa passar» e as palavras de «desordem» repetem-se, «Reitor, escuta, estudantes estão na luta», «Quem diria, quem diria, assédio na academia» e «Assédio abafado, abaixo o patriarcado». No final, antes da restante multidão se dispersar, houve um aplauso final.

Perto dos degraus da Reitoria encontrava-se uma «Banca de sugestões», uma das manifestantes apelou à denúncia, já que são precisos “dados”. Na frente do edifício permaneceu um pano branco estendido no chão, com a frase «Academia sem assédio», a última palavra pintada a preto e vermelho. Por volta das sete e quarenta e cinco, em frente à Reitoria manifesta-se contra o assédio sexual. Pede-se por uma revolução no ensino português, dentro e fora de portas. Do lado oposto, uns metros em frente, o grupo desportivo habitual joga *frisbee* na relva, de acordo com a rotina do Campus Universitário.

13/04/2022

A autora não se responsabiliza pelo conteúdo dos depoimentos anónimos. As entrevistas foram editadas de forma a apenas serem mais claras, o seu conteúdo não foi alterado.



Meia-luz

As cores esbatem-se na grande tela que é o céu.
Não é azul, nem preto, nem dourado, nem vermelho.
É de uma cor que não podemos descrever,
A cor da tua alma quando estás prestes a adormecer.
E o sonho que traz é banhado na luz da tua essência,
Nos desejos que ficam por dizer, mas se sentem lá no fundo,
Nas palavras que se desprendem dos dicionários com um significado profundo,
Um solilóquio na tua peça de teatro
A quem apelidaram de vida.

Ao teu lado, outro sonho se prende
Na mesma cor que prende o teu,
Nos tons da alma iluminada por horas cantadas pelos bardos,
Alvoradas que raiam pelas brechas da janela, enquanto ambos estão deitados
A olharem-se física e metafisicamente
Além do que as palavras conseguem expressar
Sob uma meia-luz mais completa que a do dia ou do luar,
Porque, com duas metades unidas, o ser é perfeito.
Mais perfeito que o ser sozinho alguma vez poderá ser
Um ser sozinho tinge-se em cinza
E não na luz da alma entregue a outrem,
Na luz de alguém que aceita a alma de outro
Num sentimento puro, criado durante as horas de alvorada,
Porque tudo começa quando a meia-luz brilha e as metades se unem
Harmoniosamente.



[Ela] Completa-me (e outras provas de amor)

Pouso a mão.

Cansada, deixa escapar a caneta, gasta da década.
E um suspiro, talvez de alívio, talvez de sossego,
sai dos meus lábios secos e quebrados.

A folha, manchada de sangue azul e de cinza, abana
sedutivamente, como se me dissesse
“completa-me”,
porque só eu consigo fazê-lo.
Mas a mão, cansada, recusa-se.

E eu, cansado, paro.
Ela, de olhar baço, sussurra “completa-me”,
Mas eu já não sei como fazê-lo.
Perdi o jeito – o único que conseguia fazê-lo.

Ela, pálida, treme suavemente.
Inacabada, incompleta, mas linda.
E sempre linda, inegavelmente assim,
Com o corpo tatuado por mim,
Uma prova de amor, eterna.

O tempo passa.
Ela diz-me, num sussurro lânguido
“completa-me”
E eu aprendo de novo como fazê-lo.

Levanto a mão.



Smultronsträlle



A Flauta do Amolador

Batiam as dez da manhã de terça-feira quando um firme tocar de uma flauta de pan me acordou. Era um trautear curioso entre graves e agudos que, não se ajustando numa melodia coerente, se sobressaía por entre os assobios matinais dos pássaros. Por momentos, fui transportado para a casa dos meus pais, em Oeiras, onde cresci.

Julguei ter acordado no meu antigo quarto, onde um poster que dizia *Ulisses 31* em letras gordas me cumprimentava da parede oposta. Da janela, via-se um enorme cartaz com a frase *Soares é Fixe!* desvanecida pelas estações e esquecida por quem o afixou; porém, o que me levava a olhar fixamente todas as manhãs era aquela música misteriosa. Tinha esperança de que a sua origem, a meu ver divina, me aparecesse um dia, tal como na história dos pastorinhos que a minha avó contava. No entanto, o som peculiar não tinha fonte visível. Só se escutava nos dias mais soalheiros, quando as nuvens não ameaçavam uma enorme chuvada e a manhã já ia com o avanço ideal para o confirmar. Quando acontecia a flauta tocar, fingia que mais ninguém a ouvia; tocava só para mim, como se se tratasse de uma saudação dos céus. Devido a esta fantasia, cheguei a achar que era uma espécie de Aquiles aperfeiçoado, sem fatídicos calcanhares.

Sempre tive uma imaginação muito fértil e criava uma miríade de histórias para colorir o mundo que não compreendia. Durante alguns anos – se é que foram anos – cresceu em mim um fascínio por bandas desenhadas de cariz mitológico. daquelas que reescreviam os mitos gregos para miúdos. Chantageava o meu pai para que me comprasse os novos volumes no quiosque da dona Marta e escondia-os cuidadosamente da minha mãe. Talvez tenha sido esta obsessão que me levou a associar o som que me acordava a uma convocação celeste. Imaginava concílios turbulentos e desgastantes entre deuses, anjos, santos e figuras de autoridade terráqueas (todas as personalidades terrenas ou angelicais que me foram incutidas em criança caíam no mesmo caldeirão divino; não havia distinções) onde conspiravam sobre o meu destino na terra. Aquele som era a minha lembrança diária de que iria ter um futuro glorioso.



Por volta dos meus dez anos de idade, li, pela primeira vez, o volume que recontava o mito de Orfeu e Eurídice que me tinham oferecido pelos anos. Deixei-me encantar pela fatalidade e desespero das personagens de tal forma que cheguei a transportar o livro comigo para onde fosse. A partir daí, o som matinal deixou de ser uma confirmação egoísta de auto divinação para se tornar um lamento diário dos amantes. Visualizava Orfeu como um homem inimaginavelmente velho, com centenas de anos, ainda a chorar a morte da amada e a sentir-se para sempre culpado. Por isso, decidira compor a mais singular das músicas, símbolo da sua perda, e tocá-la todos os dias ao alvorecer.

Foi por esta altura que o idealismo romântico começou a ganhar asas nas minhas aventuras imaginadas. Já não queria só jogar futebol, conduzir carros a alta velocidade ou ler BDs de aventuras míticas, queria viver uma história como a de Orfeu e Eurídice; ansiava por fatalismo romântico.

Não passou muito tempo para que começasse a rondar as raparigas da minha turma lendo-lhes a história do eterno infortúnio de Orfeu — está claro que acrescentava a minha teoria sobre a flauta que, convenientemente, só eu parecia ouvir todas as manhãs. Acabei por captar a atenção de uma rapariga chamada Clara, que não andava na escola, mas era filha de uma funcionária que por lá passava as suas tardes.

A fisionomia da Clara era similar à minha: éramos ambos morenos, de olhos castanhos, a mesma estatura. Não éramos particularmente bonitos, éramos vulgares, fisicamente. O que nos diferenciava, para minha futura infelicidade, era a minha gordura característica – já era cognominado, por consenso de metade da escola, como “o banhas”. Mas a Clara não se importava. Acredito que ela nem ligasse muito a conversas alheias. Estava, tal como eu, excessivamente fixada na história que nos uniu.



Começámos a planear as nossas tardes para estarmos juntos o máximo de tempo possível. Não fazíamos nada senão falar do livro e da minha história. Sinto que, passados todos estes anos, ainda tenho em boa memória as descrições físicas e psicológicas extensivas que fizemos destas personagens: Orfeu, além de uma estrutura perfeita, era o homem mais sensível e empático que já contemplou a existência, mas, ao mesmo tempo, era corajoso e revolucionário; um provocador sensual de primeira. Já Eurídice era bela, muito bela, em todos os aspetos: movimentava-se ritmicamente; carregava uma acalmia e suavidade principesca no olhar; ousava opinar de uma forma apaixonada, mas descontraída; liderava com um autoritarismo benfeitor, quase maternal.

Olhando para trás, apercebo-me de que era naqueles dois que, tanto eu e como a Clara, projetávamos o nosso “eu” ideal, ou o “eu” que os demais tentavam puxar de dentro de nós — como se fossemos um disfarce daquilo em que um dia nos tornaríamos. Espelhávamos o “eu” que nos era proporcionalmente oposto naquelas figuras divinais às quais nunca esperaríamos alcançar. Todavia, ninguém nos arrancava a ilusão. Era um romance à sua maneira. O entusiasmo e o frenesim que aquela fantasia suscitava em nós chegavam para que os nossos cérebros inexperientes se embebedassem em romantismos. Chegámos a negligenciar o tempo que guardávamos para as brincadeiras de grupo de que tanto gostávamos: eu deixei de comparecer nos jogos de futebol improvisados atrás da cantina, a Clara deixou as sessões de jogos da macaca que costumavam acontecer ao final da tarde. Começámos a ser alvo de chacota. Os nossos colegas consideravam as nossas histórias um capricho afeminado e ridículo. Era para o lado que dormia melhor. Só aquele mundo que partilhava com Clara importava; quem estivesse fora da bolha não passava de uma sombra muda e defeituosa.

Inevitavelmente, o meu investimento abusivo na história chegou aos ouvidos da minha mãe. Tinha sido apanhado, durante o tempo de aulas, a copiar os desenhos do livro já muito desgastado. A professora confiscou-me a folha de linhas A5 e chamou a minha mãe à escola para a alertar do sucedido.



Deveras, à hora de saída do dia seguinte, em vez de aparecer o meu pai para me ir buscar, como de costume, a minha mãe entrou de rompante no recinto. Avançava com um passo determinado, como sempre, mas naquele dia destacava-se um movimento vincado e veloz, quase violento, enfatizado pelo bater dos saltos no pavimento de madeira. Ou, porventura, seria o olhar semicerrado lançado na minha direção que sublinhava o andar a que me tinha habituado. Estava zangada.

Não sei o que foi dito naquela sala. Fiquei à porta à espera de que a professora lesse a acusação e apresentasse os argumentos à minha mãe que, no final das contas, iria delinear a sentença final, contra ou a favor da minha causa. Estiveram fechadas lá dentro uma enorme meia hora. Entretanto, tinha visto a Clara a espreitar pela janela da rua que dava para o corredor; acenou-me e, como se tivesse sido apanhada em pleno delito, virou a cara e correu como nunca a tinha visto correr. Nessa mesma altura saiu a minha mãe da sala da professora. Pegou-me no braço e arrastou-me até ao carro, sempre a demarcar a marcha com estrondos violentos dos seus saltos. Fiz questão de lhe apresentar o meu lado da situação, confiante de que também ela se deixaria vencer pela emotiva história de amor.

A minha mãe não percebeu. Deu-me um sermão e explicou-me que tinha o privilégio de estar a estudar, ela não tinha tido a minha sorte. Arrancou-me bruscamente o livro das mãos e escondeu-o. Eu desatei num choro descontrolado e irritado: estava chateado com a minha mãe, por ter desmoronado o meu fantástico castelo; estava zangado com a professora, por me ter apanhado; estava irritado com Clara, por não perceber porque me tinha abandonado e, por último, estava desapontado comigo mesmo, por ter sido tão descuidado.

No dia seguinte, ansiei para que a tarde chegasse e, com ela, a Clara. Queria perguntar-lhe porque tinha fugido e partilhar a reação brusca e pouco consciente da minha mãe. Mas a Clara não apareceu. A Clara nunca mais apareceu. A minha mãe tinha exigido à professora que não deixasse que a funcionária levasse mais a Clara para a escola. Estava desolado.



Fiz uma birra na manhã seguinte, para evitar ir à escola. Não fui. Fiquei mais uma hora na cama a contemplar a subida do sol pela janela. De repente, voltei a ouvir a flauta de pan, tão melódica e firme como nos restantes dias. Pela primeira vez, aquele trautear brincalhão entre graves e agudos não me lembrou Orfeu, Eurídice ou qualquer outra criatura da minha mente, mas sim Clara.



Véu



«*Politics doesn't allow them to do their thing in Brazil*»: Um retrato do movimento tropicalista

O período dos anos 60 no contexto brasileiro foi constituído, essencialmente, pela gradual ruptura com cânones tradicionais da cultura: com a influência do estrangeiro e da modernização, as manifestações culturais passam a transmutar-se numa mescla entre o novo e o velho, entre o tradicional e o moderno. O tropicalismo trata-se justamente disto: de uma articulação entre componentes estrangeiras, que representavam o novo e o moderno, com elementos tradicionais já assentes no seio cultural brasileiro, que representavam a identidade nacional e permitiam que o seu público estabelecesse uma identificação para com tal.

A linha temporal em que se insere este movimento compreende os anos de 1967 a 1972, já no período vigente da ditadura militar brasileira, com seu estopim alguns anos antes de um dos mais cruéis atos institucionais, o AI-5. É importante ressaltar que o período da ditadura no Brasil foi dos mais brutais para os artistas, constantemente censurados. Com isso, o que chamamos “jeitinho brasileiro” teve de entrar em ação e muitas músicas lançadas na época tiveram que manter suas críticas extremamente implícitas, como a música “Aquele abraço” de 1969, em que Gilberto Gil redige uma espécie de despedida de todas as belezas do Rio de Janeiro, referenciando lugares, costumes e figuras que faziam parte do seio identitário da cidade, antes de ir em exílio para Londres, por conta das intensas censuras que ele e o parceiro de música, Caetano, viviam. Nesta música, Gilberto refere também, de forma velada, o lugar onde ficou preso em 1968 por uma suposta acusação de desrespeito à bandeira e ao hino nacional, nos versos “Alô, alô Realengo” e “Todo mês de fevereiro”, referindo-se ao mês em que foi solto. O músico chegou a referir, em entrevista, os detalhes acerca da sua visão de confronto do tropicalismo com a realidade da música elitista que era difundida no Brasil na altura: “Acho que o tropicalismo foi até certo ponto revolucionário.”

Nota: A citação presente no título pertence ao documentário Tropicália, que se encontra referenciado na bibliografia.



Com a explosão das músicas tropicalistas, a retoma à sensibilidade foi essencial para perceber melhor aquelas músicas: tornava-se mais complexo, exigindo mais meditação e análise em relação às suas letras ambíguas e aos arranjos diferenciados da Música Popular Brasileira da época, apesar da sua aproximação por conta das influências nacionais folclóricas, por exemplo. O pesquisador e autor do livro *Tropicália: Alegoria, Alegria* refere perfeitamente a relação paradoxal que as obras deste movimento estabelecem: «uma relação entre fruição estética e crítica social». A fruição estética deve-se, creio, que à influência do psicodelismo e a sua necessidade de manter puramente livres as expressões artísticas, enquanto a crítica social incide sobre o contexto sociopolítico no qual o movimento emerge.

Este é, de fato, um movimento cultural complexo no que diz respeito à sua teorização, por isso não envolverei tal seção no presente texto.

Uma das principais características notáveis do tropicalismo é a absorção de componentes estrangeiras, que procuraram ser articuladas com elementos tradicionais não apenas da música, mas como de toda a cultura brasileira. Pretendia, como refere Celso Favaretto em sua obra *Tropicália: Alegoria, Alegria*, «articular uma nova linguagem da canção a partir da tradição da música popular brasileira e dos elementos que a modernização fornecia.» (FAVARETTO, 2000, p.25).

Os paradoxos adotados pelo movimento constituíram uma nova estética, que tomava a alegria popular através da «inversão carnavalesca dos valores» (Prefácio de Luiz Tatit em *Alegoria, Alegria*). O que isto significa é que, através de uma aparente falsa felicidade, se expunham problemas sociais e políticos. De fato, a vertente musical do movimento pode ser considerada a mais complexa, visto que as composições feitas envolviam muitos paradoxos não muito óbvios para as camadas mais ignorantes da sociedade que se pretendia atingir; o que, no entanto, acabou por servir tanto os mais letrados quanto a parcela da população menos intelectual.



Tendo o psicodelismo como uma das mais perceptíveis e relevantes influências, o tropicalismo adota elementos como novas formas de expressão da mente, a primazia da liberdade de expressão do artista que pretendia não apenas exprimir-se sem censura, como também expressar a vida em sua arte. Elementos provocadores e alternativos, como o uso da guitarra elétrica, pouco comum na até então habitual MPB, rompendo com o tradicional violão acústico incorporados no movimento, chocaram a sociedade brasileira na época, essencialmente tradicionalista, retrógrada e que servia principalmente a estreita parcela rica.

O psicodelismo é tradicionalmente associado com o movimento *hippie* e com o consumo de drogas alucinógenas como o LSD. No entanto, a sua manifestação pode ser assente apenas na expressão subversiva no campo das artes, como realiza o *tropicália*, visto que tal pretende apenas provocar uma nova percepção acerca da liberdade e a livre expressão de sentimentos e sensações do artista, através da sua arte.

O tropicalismo não foi propriamente pensado e elaborado como um movimento cultural pelos seus artistas e supostos precursores, Caetano Veloso e Gilberto Gil, mas sim pela imprensa, que tratou de nomear e expô-lo como movimento artístico. A relação da geração tropicalista com a mídia, no entanto, chega a ser baseada na hipocrisia, visto que estes jovens artistas, ao mesmo tempo que criticavam intensamente a imprensa, utilizavam-na como principal forma de promover suas produções culturais.

O movimento seguiu a chamada “estética da fome”, evidenciando não apenas o significado literal do termo, mas também os elementos análogos à tal, como a ignorância religiosa e política por conta da desinformação, que por sua vez é causada pela falta de instrução devido à pobreza. Procurava, principalmente, ilustrar de forma escancarada e chocante, como a violência que esta fome trás afeta aqueles que a vivem, como Glauber refere em seu manifesto: «o cinema novo, no campo internacional, nada pediu, impôs-se pela violência de suas imagens [...] pois através da violência o colonizador pode compreender, pelo horror, a força da cultura que ele explora». Glauber



Rocha, considerado o maior cineasta do cinema brasileiro, e autor do manifesto que dá nome à estética do movimento, utilizava seus filmes para abordar criticamente elementos que incomodavam na sociedade pré e pós golpe militar. O filme *Terra em Transe*, de 1967, é um de seus filmes mais emblemáticos e que se relaciona diretamente com o movimento tropicalista, pois aborda de forma absolutamente sarcástica a realidade brasileira durante a ditadura. Constituído por cineastas com relevante engajamento político, o cinema novo procurava «despertar a consciência do povo para a sua própria condição», como refere Franchiesco Ballerini no livro *História do Cinema Mundial*, como a arte revolucionária. Utilizando esta manifestação artística como ilustração deste movimento, temos o efeito chocante como princípio guia das produções, que necessitavam utilizar elementos mais explícitos para atingir de forma clara e direta o seu público alvo.

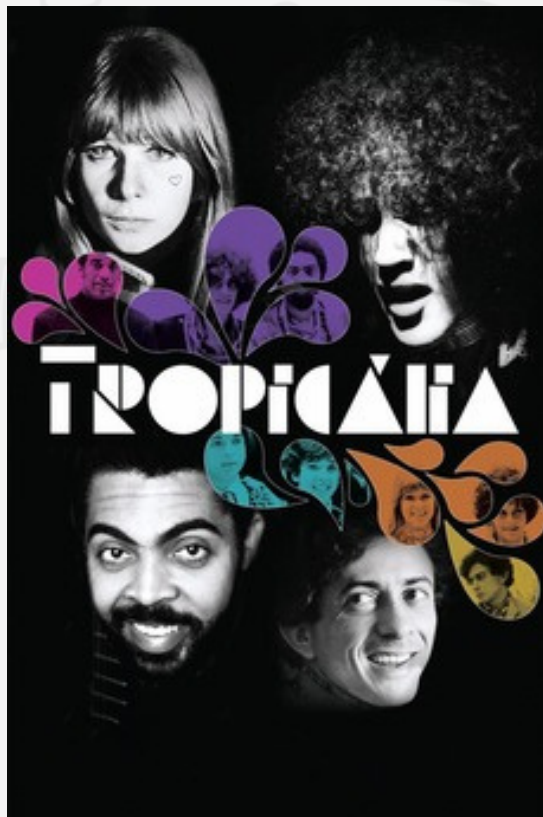
Assim como o movimento tropicalista, o cinema novo tinha como principal objetivo atingir o grande público, rompendo com a tradicional e intelectual arte brasileira que assentava na produção artística para as classes que podiam comprá-la. No contexto histórico da sua emergência, era necessário desintelectualizar a arte e torná-la mais acessível aos que ela se destinava, para que a sua mensagem cultural fosse apreendida pelas classes menos privilegiadas. O rompimento com a arte industrializada, neste caso com a influência de Hollywood, que se vinha assentando como principal vertente de produção, era mais do que urgente, visto que incorporava elementos que glamourizava a situação precária em que o país se encontrava e não retratava de forma crua a realidade, isolando-se com o contato com as massas, que não se viam representadas por tal.

Coincidentemente (ou não) com a eclosão do movimento tropicalista, viria a ser emitido, um ano mais tarde, um dos mais opressores e duros atos institucionais desse período: o chamado AI-5. Impossível é mensurar a gravidade e o impacto que este ato teve não apenas na cultura, mas para toda a sociedade da época, que se deparou com a institucionalização da tortura. A partir deste momento, tornava-se legal não apenas a opressão física, como intelectual, artística e cultural, com a legalização da censura. Os tropicalistas encontravam-se então numa encruzilhada e, pouco tempo



depois, Caetano e Gilberto viriam a exilar-se. O impacto deste foi sentido principalmente no movimento cinematográfico, uma vez que os cineastas tiveram que se adaptar à censura extrema com uma abordagem mais sutil e melancólica da frustração pela revolução falhada, e menos agressiva e explícita como eram realizados os filmes.

Em suma, o movimento teve muitas represálias por conta da ambiguidade das suas composições e da ruptura com a tradicional música brasileira, devido à incorporação de novos arranjos musicais inspirados em diferentes ritmos como o folclórico e o nordestino, que foram mesclados com a tradicional MPB. Porém, a relevância deste movimento para a viragem da música brasileira e os seus legados são estudados e referenciados até hoje, tal impacto que teve na sociedade. Foi um movimento que teve seu nascimento no cerne da ditadura militar e incorporou o radicalismo como forma de descontinuidade em relação ao percurso que a música brasileira da época vinha traçando.





Bibliografia

1. FAVARARETTO, Celso (2000). *Tropicália: Alegoria, Alegria*. 3a edição, Ateliê editorial. São Paulo, Brasil.
2. NAPOLITANO, Marcos (2014). A cultura a serviço da revolução (1960-1967) e O radical é chie (1968 no Brasil) In *Cultura brasileira: Utopia e massificação (1950 - 1980)* (pp. 37 - 70). 4a edição, Editora Contexto. São Paulo, Brasil.
3. MACHADO, Marcelo (2012). *Tropicália* [DVD].

Sitiografia

1. <https://memoriasdaditadura.org.br/origens-do-golpe/> (consultado em 19 de outubro de 2021)



Um só filho

Baga que se esguicha
Em mistela de sangues,
Brota do arbusto negro,
Onde em retroprojeção
Tudo se enraizou,
Ao se ramificar
Em seu normal decurso.

Aquilo que aspira
Repelindo com violência,
Coage a perversão a dançar
À boca da inocência,
Impele todas as convicções
A se amalgamarem no embate,
Num uno de uma só veemência.

Irmãos, mesmo sem cedências
Toda esta cor que se reflete
Vai fazer de nós um só Filho,
Através da Arte, Religião e Ciência.
Onde o indivíduo morre nasce cultura,
É o traço identitário que perdura,
Enquanto se puder flutuar
Na total cadeia de ideias.
É o espelho mãe de todos os espelhos!



Desiderium



Cultura – O Fenómeno

O debate sobre o conceito de cultura, apesar de antigo, é a antítese de uma discussão datada – iremos desmistificar tal afirmação no decorrer do texto. Até hoje, a esquiva definição de “cultura” nos evade.

Possui uma miríade de significados, consoante o contexto, local, tempo. Uma pesquisa rápida sobre a definição da palavra trará os mais variados significados em distintos dicionários e enciclopédias. A variação da definição estende-se para além do registo coloquial, suscitando, mesmo, o interesse e debate académico.

Ao longo de décadas, uma panóplia de mentes académicas contribuíram para a discussão da definição de “cultura” através de trabalhos expressando as suas perspetivas. Mas a definição de cultura é uma questão problemática e inerentemente política: qualquer tentativa de definição terá, por necessidade, de incluir ou excluir. Um notório autor sobre o assunto, T. S. Elliott, o confirma: «I dare say that some readers will draw political inferences from this discussion: what is more likely is that particular minds will read into my text a confirmation or repudiation of their own political convictions and prejudices. The writer himself is not without political convictions and prejudices.» (1)

Com o seguinte texto tentaremos discernir, se possível, “cultura” enquanto fenómeno e a suas implicações e sub-fenómenos associados.

A palavra “Cultura”, ao longo dos tempos, foi concentrando uma variedade de significados. Tomando como base *Keywords: A Vocabulary of Culture and Society* de Raymond Williams, poderemos delinear um percurso claro na etimologia da palavra.

(1) Thomas Elliot, *Notes Towards the Definition of Culture*, (London: Faber and Faber, 2010), 16.



Originalmente, e como Williams desenvolve, a palavra surgiu do latim cultura, de colere – habitar, cultivar, proteger, honrar com adoração. Williams mostra-nos que cultura tomou o significado principal do processo de cuidar, manter, inicialmente pertinente a animais ou colheitas. (2)

Daí surge o desenvolvimento da palavra pela metáfora “cultivar o próprio” – o processo da manutenção do crescimento estende-se ao desenvolvimento da condição humana. (3) Eventualmente dois desenvolvimentos ocorrem: a habituação à metáfora, resultando na manutenção direta do desenvolvimento humano, e a extensão de processos particulares para um processo geral (a mudança da cultivação do próprio indivíduo para a cultivação da própria humanidade na íntegra) – é deste segundo desenvolvimento que resulta a intrincada história contemporânea do termo atual “cultura”. (4)

Eventualmente o termo associou-se a “civilização”: o processo de um particular indivíduo se tornar cultivado ou civilizado ou o processo geral do desenvolvimento humano como um todo. Posteriormente adquiriria paralelismo com definições de classe e eurocentrismo – o processo era unilinear e exclusivo ao continente europeu, especificamente dos membros inclusos nas classes socioeconómicas superiores. A Europa era precursora da cultivação própria. Uma conceção muito particular de “cultura” começava-se a aclarar – a cultivação e os cultivados.

Surge, então, alguma resistência a esta tendência de definição aristocrática e eurocêntrica. Williams refere que Herder em *The Philosophy of the History of Mankind* (1784-91) critica a tentativa do apoderamento europeu do processo de desenvolvimento humano que constitui “cultura”, expressando a necessidade da pluralidade de “culturas”, consoante as variações culturais, sociais e temporais num âmbito internacional. (5)

(2) Raymond Williams, *Keywords: A Vocabulary of Culture and Society*, (Oxford: Oxford University Press, 2015), 49.

(3) *Ibid.*

(4) *Ibid.*, 50.

(5) *Ibid.*, 51.



Ao afastarmo-nos da complexa e polarizante história da sua tentativa de definição, Williams assiste-nos na interpretação de três sentidos compreensivos nos quais a palavra “cultura” poderá ser utilizada:

«(i) the independent and abstract noun that describes a general process of intellectual, spiritual and aesthetic development, from C18; (ii) the independent noun, whether used generally or specifically, which indicates a particular way of life, whether of a people, a period, a group or humanity in general, from Herder and Klemm. But we also have to recognize (iii) the independent and abstract noun which describes the works of intellectual and especially artistic activity.» (6)

A segunda e terceira definições parecem-nos as mais coloquialmente usadas: a segunda referente a modos de vida associados a particulares regionalidades e a terceira a todas as atividades e produções de teor artístico. Da segunda deriva a conceção de culturas associadas a países singulares, ou mesmo grupos deles (aparece a expressão “choque cultural”). Da terceira surge, potencialmente, o termo “setor cultural” como desígnio da integridade da produção artística de uma regionalidade.

Vários autores tiveram opiniões dissidentes sobre “cultura”, ao longo do tempo. O previamente mencionado, T.S Eliott, em *Notes Toward a Definition of Culture* intenta definir o conceito de “cultura” e os seus limites e efeitos. Desenvolve a tese de que “cultura” se encontra vitalmente ligado ao sistema de classes; a cultura do indivíduo é definida pela cultura de classe, que por si é definida pela cultura da sociedade.

Elliot problematiza a conceção comum do “indivíduo culto” como aquele que, popularmente, é considerado particularmente dotado de “cultura” pela proficiência em algum particular âmbito. É restritiva a contemplação de um indivíduo como “culto” pela sua etiqueta ou cordialidade, pelo seu intelecto ou, ainda, pela sua proeza artística:

(6) *Ibid*, 52.



«We know that good manners, without education, intellect or sensibility to the arts, tends towards mere automatism; that learning good without good manners or sensibility is pedantry; that intellectual ability without more human attributes is admirable only in the same way as the brilliance of a child chess prodigy; and that the arts without intellectual context are vanity. And if we do not find culture in any of these perfections alone, so we must not expect any one person to be accomplished in all of them; we shall come to infer that the wholly cultured individual is a phantasm; and we shall look for culture, not in any individual or any group of individuals, but more widely; and we are driven in the end to find in the pattern of society as a whole.» (7)

A mera participação de um indivíduo no fenómeno cultural não significa necessariamente que seja um “homem de cultura”.

Diferentes classes terão diferentes níveis culturais, transmitidos por herança, ao longo do tempo. Cada nível terá um papel fulcral no fenómeno da cultura, uma função cultural, mas os níveis culturais superiores e mais desenvolvidos são de maior importância – a desintegração da aristocracia representaria o declínio da cultura. É natural a diferenciação qualitativa entre indivíduos e, feita a segregação entre os superiores e inferiores, o seu agrupamento por semelhança e outorga de poderes apropriados. (p.36)

“Cultura”, segundo Eliott, representa um fenómeno, um ciclo orgânico de nutrição intelectual e cultural entre classes. As classes não representam divisões nefastas, mas elementos necessários à estimulação mútua de classes, que são as suas partes mecânicas necessárias. A transmissão das funções culturais é efetuada por continuidade familiar ou por socialização dentro de dado âmbito (assimilação por convivência com indivíduos com similares hábitos, estilo de vida, etc.).

(7) Elliot, 25.



No entanto, embora autores como Arnold integrem a visão do conceito de “cultura” assente na aristocratização do conhecimento, das classes superiores como os paladinos do desenvolvimento humano e a sua interação com classes inferiores, existem autores com visões mais unitárias da questão. Matthew Arnold, pelo contrário, perspectivava “cultura” como um fenómeno que unia a humanidade na busca pela perfeição.

Arnold, em *Culture and Anarchy*, começa por rejeitar o comum preconceito sobre cultura ser uma mescla de latim e grego, motivada por curiosidade e com pouca ambição senão a vaidade e distinção social. Cultura pode, sim, ser motivada por curiosidade, mas tal curiosidade não é nociva como os seus contemporâneos a concebiam – é a razão pela procura da perfeição e clareza, a melhoria da natureza humana («A desire after the things of the mind simply for their own sakes and for the sake of seeing them as they are.») (8). “Cultura” é o compromisso com a melhoria da natureza humana, a busca da perfeição, a demanda pela melhoria do mundo e pela visão clara das “coisas como são”.

«The idea of perfection as a general as an inward condition of the mind and spirit is at variance with mechanical and material civilisation in esteem with us, and nowhere, as I have said, so much in esteem with us. The idea of perfection as general expansion of the human family is at variance with our strong individualism, our hatred of all limits to the unrestrained swing of the individual’s personality, our maxim of “every man for himself”.» (9)

Aqui Arnold critica a maquinaria (a visão de mecanismos e meios como fins). O que seriam liberdade, população, carvão, linhas de ferro e riqueza senão maquinaria? Muitos estão acostumados a louvar tais objetos como preciosos fins em si, mas tais meios deveriam estar subjugados à realização da perfeição, uma condição interior. A própria liberdade não deveria ser um fim em si, o seu uso deve ser pertinente e não deve servir o próprio – liberdade como fim degenera na anarquia.

(8) Matthew Arnold, *Culture and Anarchy* (Oxford, Oxford University Press, 2006), 33.

(9) *Ibid*, 37.



«[...]the men of culture are the true apostles of equality. The great men of culture are those who have had a passion for diffusing, for making prevail, for carrying from one end of the society to the other, the best knowledge, the best ideas of their time[...]» (10) - Arnold manifesta-se um acérrimo apologista do fim das divisões de classe, incitando a união humana através da luz e perfeição trazida pela cultura, consumida na integridade até pelas massas menos articuladas.

Confrontando T.S Elliot e Mathew Arnold, e comparando ao restante panorama acadêmico, inferimos que, de certo modo, ambos eram coletivistas na sua definição de “cultura”. Enquanto certas mentes, como Elliot, incentivavam os elementos divisivos e de separação social, outras, como Arnold, rejeitavam-nos e apelavam à união integral social. Não obstante, ambos clamam por interdependência social, nem que esta se resume ao suporte da aristocracia pelas classes inferiores, com o fim da realização da “cultura”.

É relevante, ainda, distinguirmos o conceito de “alta cultura” de “baixa cultura” e, daí, assinalar dois conceitos oriundos de “baixa cultura”: “*mass culture*” e “*folk culture*”

Como Sonia Maasik e Jack Solomon desenvolvem em *Popular Signs: Or, Everything You Always Knew about American Culture (but Nobody Asked)*, “alta cultura” constitui a cultura das classes altas, incluindo filosofia, as belas-artes, música e literatura, desenvolvidas por uma elite com os meios materiais e tempo de lazer para os desenvolver, em contraste com a “baixa cultura” ou “cultura popular” associada às massas, às classes inferiores. A cultura “baixa” ou “popular” (no sentido etimológico de ser do povo) coincide com o que é vulgarmente chamado de cultura “*folk*” – a experiência e criatividade das massas expressas em produtos culturais, como dança, festivais agrícolas ou populares, histórias e mitologia populares, etc. (11)

((10) Ibid, 53.

(11) Sonia Maasik e Jack Solomon, “Popular Signs” em *Signs of Life in the USA Readings on Popular Culture for Writers*, (Boston: Bedford/St Martin’s, 2017), 2.



Diferentes autores possuem múltiplas opiniões sobre a definição de cultura folk e as suas implicações, George M. Foster, em *What is Folk Culture*, menciona que Redfield estabelece “folk culture” como um modo de vida característico comunidades pequenas, isoladas e autossuficientes, homogêneas etnicamente e em costumes, funcionando interdependentemente com relativamente pouca tecnologia. Os valores de família são altamente estimados, os ritos sociais e religiosos prezados e existe uma característica estagnação social, uma ausência de falta de mudança. (12) “Cultura folclore” no sentido coloquial refere-se à produção para entretenimento próprio deste tipo particular de sociedade ou modo vida, que está em variação com as sociedades crescentemente industriais e capitalistas, e encontra-se gradualmente mais ameaçada pelo seu individualismo, frenesim, dimensão tecnológica e “cultura em massa”.

Continuando o raciocínio de Maasik e Solomon, chegamos, então, a um segundo ramal da baixa cultura, a “cultura em massa”. A mais recente iteração ou metamorfose da cultura, esta cultura comercial, para venda, contém à cultura contemporânea, surgiu após a Revolução Industrial e com a conceção e desenvolvimento do capitalismo e da tecnologia. Anteriormente ao advento do industrialismo, as pequenas comunidades agrícolas isoladas careciam de acesso a entretenimento, tendo que produzir o seu próprio. Mas com o progresso industrial, o êxodo rural consequente esvaziou os interiores de população e concentrou as massas em centros urbanos, criando “sociedades em massa” e, consequentemente, “cultura em massa”. A tecnologia enquanto canal permitiu a difusão de entretenimento produzido em determinados locais (qualquer conteúdo transmitido através de televisão, rádio, etc.), o que contribuiu para uma crescente situação de produção centralizada de entretenimento preparado em massa, para as massas – independentemente da variação regional, são alimentadas à generalidade das massas populacionais os mesmos conteúdos. (13)

(12) George M. Foster, *What is Folk Culture*, (American Anthropology Association, 1953), 160.

(13) Maasik e Solomon, 4.



O eterno debate sobre o conceito de cultura alterna entre em que consiste o fenómeno de “cultura”, quem o integra, se há uma cultura ou várias, do que depende e todas as afins variáveis. Porém, e tendo em conta as mais diversas posições sobre a temática, cultura representa claramente um fenómeno que ultrapassa as divisões individuais humanas, algo conjunto ao ser na íntegra – algo que prospera pela presença de divisões, na diversificação de culturas inter e intranacionais, e na própria ausência delas, por ser exterior ao humano e resultado da sua união e desenvolvimento conjunto. É, no seu cerne, concomitantemente um processo geral e individual – geral com características distribuídas com base em variáveis antropológicas.

“Cultura” é um conceito incessantemente volátil, cuja discussão parece acompanhar o próprio desenvolvimento humano, evoluindo conforme o próprio crescimento da consciência do Homem.





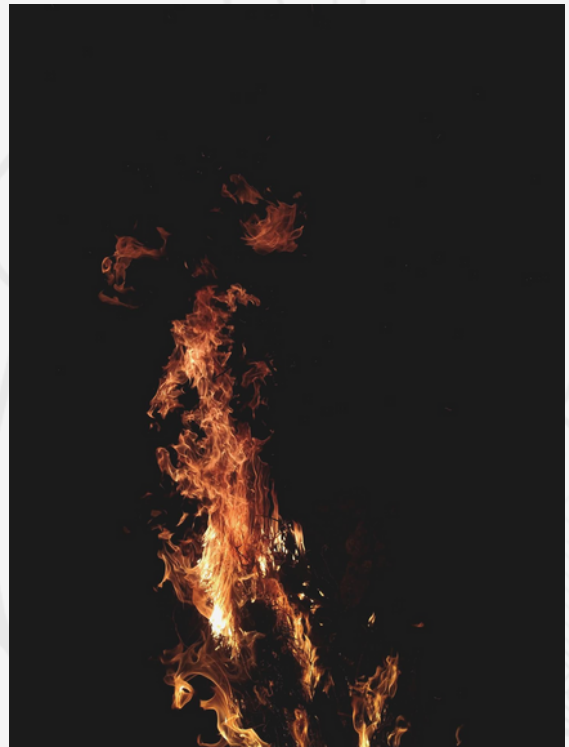
Sutura

Cultura é sim costura,
O tecido de meu ser.
Certo como padecer,
Ou como pedra ser dura.

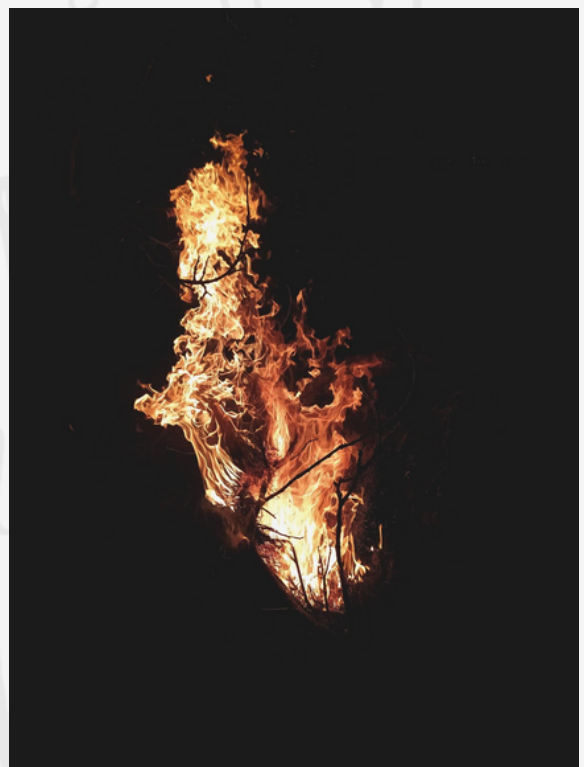
Falte pão, haja ferida,
É sutura e querida.
Falte sabão ao pagão,
Seja ela minha vida.

E quando o grão é pouco
E regatear não cura,
Me resgate a cultura.

E quando grito é rouco
E revolução descuro,
Me bendiga a cultura.



Ignea 1



Ignea 2



A cultura portuguesa e o inalcançável 1%

A cultura corresponde a 0,25%(1) do total da proposta de Orçamento de Estado para 2022 apresentada pelo Governo na Assembleia da República, no início do passado mês de novembro. Apesar de esta proposta orçamental ter falhado na sua aprovação, esta percentagem mantém-se semelhante à dos anos anteriores (tendo subido apenas 0,04% em comparação com o ano passado)(2). O setor cultural, que há muito se manifesta contra esta negligência por parte da Administração Central, questiona o porquê deste orçamento limitado.

A resposta de um típico cidadão português passará por «O Governo deve dar mais importância aos setores mais cruciais, como a saúde e a segurança. Não há dinheiro para tudo».

O que é, afinal, um setor mais ou menos importante? Será a cultura inútil, em comparação com outros? Qual é o papel da cultura na sociedade em relação a setores como o da saúde ou a segurança?

Se, lógica e imperativamente, a sua importância é assim tão reduzida, porquê uma maior percentagem noutros países europeus? Afinal de contas, a média europeia de 2020 do orçamento para a cultura ronda os 0.5%. O governo francês, por exemplo, investiu 0.7% do seu orçamento na cultura em 2019, e o letão 1%, o que vem a provar que a questão é cultural e não propriamente económica. Relembro que falamos em termos de proporções e percentagens.

(1) Lusa. (13 de outubro, 2020). *Cultura representa 0,21% da despesa total consolidada da Administração Central*. TSF Rádio Notícias. <https://www.tsf.pt/portugal/cultura/cultura-representa-021-da-despesa-total-consolidada-da-administracao-central-12914009.html>

(2) SAPO. (12 de outubro, 2021). *Orçamento do Estado para 2022: Cultura representa 0,25% da despesa total consolidada da Administração Central*. SAPO Mag. <https://mag.sapo.pt/showbiz/artigos/orcamento-do-estado-para-2022-cultura-representa-025-da-despesa-total-consolidada-da-administracao-central>

(3) Equity. (2021, October 12). *Equity - Equity calls on the government to invest in culture ahead of Autumn Budget*. www.equity.org.uk. <https://www.equity.org.uk/news/2021/october/equity-calls-on-the-government-to-invest-in-culture-ahead-of-autumn-budget/>



Apesar de um inegável maior número de recursos, estes estados em comparação com o português apresentam diferenças nas suas prioridades a nível de orçamento. A França e a Letónia sofreram também guerras e crises financeiras nos mesmo anos em que obras-primas estavam a ser produzidas e lançadas. Estes percalços não serviram como impedimentos das atividades culturais, enquanto Portugal deixou o seu setor cultural numa maior carência de recursos perante situações de crise. É importante entender como as prioridades de um governo são, no fundo, um reflexo da perceção da maioria dos cidadãos.

A maioria dos habitantes de Portugal tem um ponto de vista que tende a menosprezar a arte e a cultura. É, de longe, uma das áreas consideradas menos importantes para a sociedade. Podemos até observar esta falta de preocupação em pequenos comportamentos.

“Olha o artista!” Esta famosa frase tem um sentido pejorativo, quase insultuoso. No fundo, pretende criticar uma pessoa cujo dia-a-dia consiste em escapar às responsabilidades e viver para a festa. A ideia de artista na mentalidade do povo português (geralmente) está ainda bastante associada à imagem de um estilo de vida boémio, muitas vezes até relacionado com o consumo de álcool e drogas. Aliás, no Dicionário Priberam, algumas das definições da palavra “artista” (enquanto adjetivo) são “manhoso, finório” ou “impostor”(4). Esta visão vem apenas demonstrar a falta de confiança que o país tem nos artistas e no próprio setor das artes.

O escasso investimento na cultura provoca a menor qualidade das produções realizadas (de um modo geral, claro) e, conseqüentemente, uma menor aderência por parte do público. O pouco sucesso financeiro e crítico de uma produção acaba por não justificar o custo das mesmas e diminui assim o financiamento de futuras produções. Forma-se assim um círculo vicioso que diminui a credibilidade e relevância do setor. O desaparecimento da cultura prejudica as oportunidades de crescimento e realização de novas

(4)S.A, P. I. (n.d.). *artista*. Dicionário Priberam. Página visitada a 17 de maio, 2022, de <https://dicionario.priberam.org/artista>

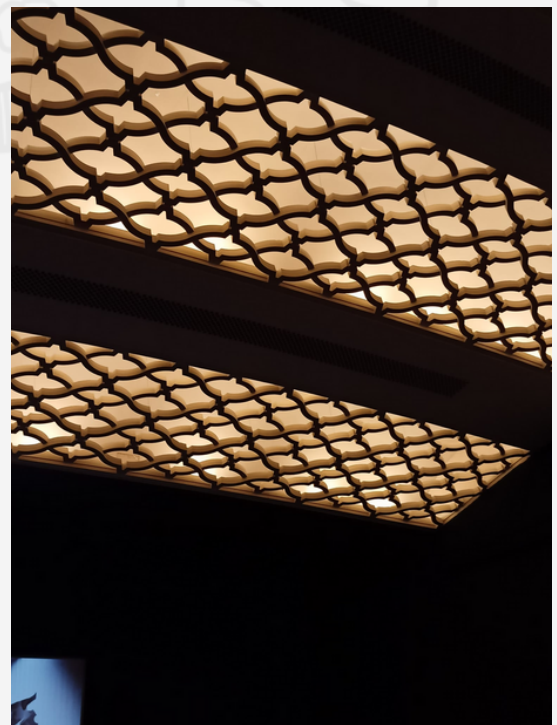
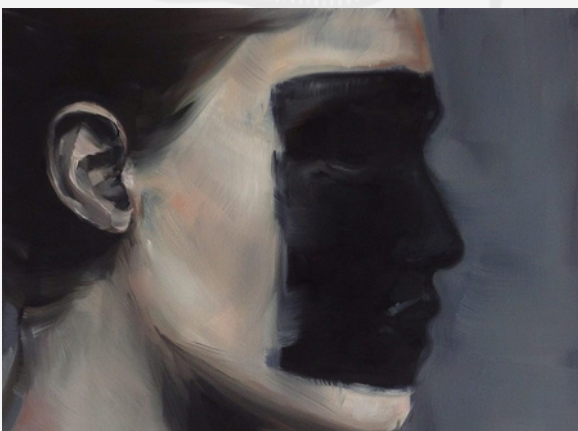


atividades culturais e artísticas, assim como põe em causa a estabilidade do emprego de milhares de trabalhadores.

Esta problemática poderá ter a sua origem no regime salazarista, do qual ainda estamos a recuperar culturalmente, em que o povo se viu forçado a restringir-se ao trabalho e à sobrevivência. A censura era um travão que ocultava do país os avanços artísticos e culturais que estavam a acontecer no resto do mundo, e também era um travão à expressão livre de ideias e opiniões. O fim do Estado Novo não foi um acontecimento assim tão longínquo dos dias de hoje, pelo que ainda são notáveis as repercussões.

Mas, atualmente, de quem é a culpa da falta de investimento na cultura? Do governo que não investe, ou da falta de interesse do povo? Porque haveria o Estado de investir num setor que o português comum opta por ignorar? Poderia um maior investimento por parte do Estado direcionar o interesse do povo para as artes e a cultura? Valeria a pena, ou seria sequer possível fazê-lo em tempos de crise financeira e pandémica em que vivemos? Que papel temos nós, enquanto indivíduos, na emancipação da cultura? Como é que as nossas escolhas do dia-a-dia poderão afetar a indústria da cultura portuguesa?

Deixo essas questões para os leitores.



Legado



O Cola Descomplica: Casas de Banho de Género Neutro

Como um jornal de estudantes de Letras para estudantes de Letras, O Cola quis saber a opinião da comunidade estudantil da FLUL acerca das casas de banho de género neutro, de forma a descomplicar este tópico que, por vezes, é controverso.

Sendo assim, foi realizada uma enquete na rede social Twitter, na semana de 28 de março a 4 de Abril, com a pergunta: «Casas de banho de Género Neutro na FLUL?», em que os estudantes podiam votar em três opções: «Sim», «Não» e «Não Sei». Os resultados irão ser discutidos mais à frente, pois, primeiro, é necessário definir o que são as casas de banho de género neutro.

As casas de banho de género neutro são sanitários que não olham ao género do seu utilizador, ou seja, estão abertas a qualquer pessoa, sem importar a identidade de género de quem a usa, tornando-se um espaço inclusivo e acolhedor para todos. Estas casas de banho são também conhecidas como “casas de banho unissexo”, porém o termo “casas de banho de género neutro” é preferido e usado com maior regularidade em estudos ou artigos científicos sobre as mesmas.

O segundo passo a tomar na abordagem desta questão é tentar perceber o porquê de as casas de banho de género neutro serem benéficas e, conseqüentemente, compreender a razão pela qual a implementação deste tipo de sanitários na FLUL está em discussão.

Usar a casa de banho para a satisfação das nossas necessidades fisiológicas é algo que faz parte da nossa rotina diária, porém, para muitos, é um fator de *stress* emocional.

De acordo com o estudo *Gendered Restrooms and Minority Stress: The public regulation of gender and its impact on transgender people's lives*, realizado em Washington D.C pela Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), 70% das pessoas que não se identificam com o género designado à nascença



experienciavam confrontos, maus tratos, medo e desconforto na altura de usar a casa de banho, principalmente aquelas que não haviam realizado a transição através de métodos médicos. Os dados recolhidos pelos investigadores demonstraram a severidade do problema com 54% dos entrevistados a confessar que evitavam a ida às instalações sanitárias ao ponto de desenvolver problemas de desidratação, infeções renais e infeções urinárias.

Nas escolas, assim como universidades, onde as casas de banho são maioritariamente associadas ao sexo do seu usuário, e, por consequência, segregadas sexualmente, este impasse permanece. Em 2019, a organização educacional americana GLSEN, que trabalha para exterminar o bullying nas escolas com base na identidade de género, sexual e racial, apurou que 54% dos alunos LGBTQIA+ evitavam usar as casas de banho e balneários, dado não se sentirem seguros.

Igualmente, as pessoas transgénero e não-binárias afirmam serem *gender-policed* aquando da entrada num estabelecimento sanitário, sendo-lhes impedida a frequência da casa de banho do género com que se identificam (Detloff, 2006).

Logo, as casas de banho de género neutro são uma mais-valia para pessoas transgénero, permitindo-lhes acesso a um local seguro e confortável onde possam satisfazer as suas necessidades sem quaisquer medos.

Porém, este tipo de casas de banho não beneficiam os membros da comunidade LGBTQIA+ cuja identidade está abraçada pelo termo “transgénero”.

A nível de acessibilidade e apoio, as casas de banho de género neutro beneficiam também as pessoas com deficiências a nível de mobilidade cujos cuidadores são de um género diferente do seu, por exemplo: uma jovem do género feminino que necessite de ajuda a ir à casa de banho por um membro



familiar do género masculino. Num mundo em que as casas de banho são segregadas pelo sexo, como o nosso, tal ajuda seria impossível, dado que o membro familiar, sendo do género masculino, seria impossibilitado de entrar na casa de banho designada para a jovem. Este cenário poderia ser uma realidade na FLUL onde as casas de banho para indivíduos com deficiências a nível de mobilidade se localizam dentro daquelas que estão designadas de acordo com o sexo de quem as utiliza, invés de estarem localizadas à parte.

Resumindo e concluindo, as casas de banho de género neutro são necessárias para que todos se sintam incluídos, acolhidos, confortáveis e seguros na hora de realizarem as suas necessidades fisiológicas, quer sejam pessoas da comunidade transgénero, quer sejam pessoas com deficiências que necessitem do cuidado de outros. Daí a sua implementação estar a ser discutida na FLUL, visto que o objetivo da Associação de Estudantes é representar e garantir a segurança de todos os alunos da comunidade estudantil.

Procurámos entender a opinião dos nossos leitores em relação ao assunto através de um pequeno questionário no Twitter, inspirado pela iniciativa da AE. Os resultados apresentam uma esmagadora maioria da aprovação das casas de banho de género neutro na FLUL. Dos 70 votos obtidos nas 24 horas em que o inquérito esteve disponível, 63 concordam com a iniciativa. Os restantes 7 votos dividem-se de forma semelhante entre as outras duas hipóteses: 4 votos na resposta «Não» e 3 votos na resposta «Não sei».

É necessário ter em conta, porém, que a amostra que recolhemos se reduz à opinião dos nossos leitores e/ou aos que utilizam a rede social em questão de forma regular e que nos acompanham através desse meio. Logo, esta reação recetiva que obtivemos não deve ser generalizada a toda a comunidade estudantil. Se analisarmos a respostas ao questionário realizado pela AE (1) (que, com um total de 458 respostas, consegue captar um fragmento de dimensão bem mais significativa dos estudantes da FLUL), deparamo-nos com uma reação bem mais dividida. Os estudantes que não aprovam a incorporação destas casas-de-banho, sendo a sua opinião igualmente válida,



devem ser reconhecidos, uma vez que representam parte da comunidade estudantil, esta que tanto a AE como O Cola procuram representar e dar uma voz.

Independentemente da discussão acerca deste tema, a construção de casas de banho de género neutro poderá vir a tornar-se uma realidade num futuro não tão distante assim. Na Reunião Geral de Alunos (RGA) que decorreu na FLUL no passado dia 9 de março, foi referida a ideia e a possibilidade da sua inclusão no novo edifício que substituirá o Pavilhão Novo. Segundo a ata da reunião, o diretor da faculdade, Miguel Tamen, aprova a ideia da existência destas casas-de-banho no edifício que atualmente aguarda construção, o que difere dos locais que a AE sugeriu como possíveis no edifício principal da FLUL.

(1) Estes resultados estão disponíveis de forma pública nas redes sociais da AE da FLUL.

Referências

1. APA. “Universal Design All-Gender Restrooms: Suggested Discussion Points with Resources to Oppose Transgender Exclusion Bills.” Apa.org, 2022. www.apa.org/pi/lgbt/resources/policy/issues/all-gender-restrooms. Accessed 9 Apr. 2022.
2. Davis, Masen. “Transgender People Need Safe Restrooms.” HuffPost, 24 June 2013, www.huffpost.com/entry/transgender-people-need-safe-restrooms_b_3492067. Accessed 9 Apr. 2022.
3. Detloff, Madelyn. “Gender Please, without the Gender Police.” *Journal of Lesbian Studies*, vol. 10, no. 1-2, 18 July 2006, pp. 87–105, www.tandfonline.com/doi/abs/10.1300/J155v10n01_05, 10.1300/j155v10n01_05. Accessed 9 Apr. 2022.
4. GLSEN. “The 2013 National School Climate Survey: The Experiences of Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender Youth in Our Nation’s Schools”. Survey. 2013.
5. GLSEN. “Gender-Neutral Bathrooms Are Radical, but Not How You Think.” GLSEN, www.glsen.org/blog/gender-neutral-bathrooms-are-radical-not-how-you-think. Accessed 9 Apr. 2022.



-
6. Herman, Jody. “Gendered Restrooms and Minority Stress: The Regulation of Public Sexuality and Its Impact on Trans People’s Health and Public Lives.” *Journal of Public Management & Social Policy*, Williams Institute of UCLA, June 2013, <https://williamsinstitute.law.ucla.edu/wp-content/uploads/Restrooms-Minority-Stress-Jun-2013.pdf>. Accessed 9 Apr. 2022.
 7. Lerner, Justin E. “Having to “Hold It”: Factors That Influence the Avoidance of Using Public Bathrooms among Transgender People.” *Health and Social Work*, vol. 46, no. 4, Nov. 2021, pp. 260–267, 10.1093/hsw/hlab027.
 8. Newberry, Laura. “Why Gender-Neutral Bathrooms Benefit All Young People.” *Los Angeles Times*, Los Angeles Times, 7 Mar. 2022, www.latimes.com/california/newsletter/2022-03-07/8-to-3-template-8-to-3. Accessed 4 Apr. 2022.
 9. Unitarian Universalist Association. “Gender Neutral Bathrooms.” *UUA.org*, 30 Nov. 2018, <https://www.uua.org/lgbtq/welcoming/ways/bathrooms>. Accessed 9 Apr. 2022.



Entrevista a Carolina Gomes

Como evento de interesse a todes estudantes, o jornal *Cola* decidiu entrevistar Carolina, responsável pela organização da *Feira Barata*.

Gonçalo — Como surgiu a ideia desta iniciativa?

Carolina — Como tenho um pequeno negócio, como atividade secundária, mencionei, na altura da campanha da Lista Q, a possibilidade de fazermos um tipo de evento para ajudar pequenos negócios da comunidade estudantil. Especialmente como uma faculdade que se destaca pela sua criatividade, sei que há bastantes alunes com pequenos negócios. Achei interessante fazer algo do género Anjos 70 na faculdade, de modo a dar visibilidade a pequenos negócios, ou até mesmo a pessoas que queiram vender roupa em segunda mão, ou só dar novas casas a coisas que já não usam. Como tivemos um elevado número de pessoas interessadas, se tudo correr bem, iremos fazer uma segunda edição.

Gonçalo — Como foi feito o planeamento/ divulgação da feira?

Carolina — Planeámos com bastante antecedência. Teve várias etapas, chamar pessoal da AE, colaboradores, etc., que quisessem ajudar. A primeira coisa que fizemos foi requisitar o alcatroado à faculdade. De seguida, antes de divulgar a data e horas da feira, tivemos de ver o interesse geral da comunidade. Para isso, fizemos um post nas redes sociais para recebermos inscrições. Depois foi apenas distribuir tarefas, entrar em contacto com os pequenos negócios (para perceber a ajuda que precisavam na exposição das bancas), arranjar a decoração, imagética geral, cartazes, etc. Quando distribuímos as tarefas, fizemos reuniões semanais ou de duas em duas semanas para percebermos o ponto de situação.

Gonçalo — Como é que conceberam o papel de todes?

Carolina — Basicamente, foi conforme as pessoas que se quiseram juntar, algumas que eu já conhecia e já sabia os pontos fortes de trabalharem na AE. Como a Tara, uma pessoa muito criativa, que ficou encarregue da imagética/cartazes; a Bia, como boa comunicadora, ficou encarregue de enviar e-mails à gestão de espaços, etc.; a Matilde, por ter alguns



conhecimentos sobre a associação acadêmica, acabou por ajudar a publicitar o evento. Depois, eu e a Renata fomos ajudando as outras pessoas. No fundo, foi reunir e atribuir tarefas consoante os pontos fortes de cada pessoa.

Gonçalo — Têm alguma palavra de incentivo à comunidade da FLUL para participar na feira barata?

Carolina — Gostava que fossem à feira barata, visto ter sido algo bem preparado e trabalhado. Queremos que dê certo. Para além disso, vão apoiar estudantes na mesma situação, o que acaba por reforçar o sentimento de entreajuda, e vão estar bastantes coisas giras à venda. É uma excelente oportunidade para ir às compras!

Entrevista aos feirantes da Feira Barata

A Tatiana e a Inês estavam a vender peças da @_tatu.art e artigos em segunda mão.

Gonçalo — Podes falar-nos um pouco sobre o teu negócio?

Tatiana — A Tatu.art consiste em peças pintadas à mão, geralmente por encomenda, em estilo cartoon, pop art, anime, etc. Pinto roupa, quadros, um pouco de tudo!

Gonçalo — O que estão a achar da feira?

Tatiana — Estou aqui há pouco tempo, mas, pelo que vi, ainda houve alguma afluência. No entanto, comentámos com pessoal da AE que as bancas deveriam ser mais alargadas; está tudo muito concentrado.

Inês — Das 12h até às 15h, vieram bastantes pessoas, mas muito poucas compraram alguma coisa.

Tatiana e Inês — Estamos a gostar muito! Esperemos que haja mais feiras deste tipo, mais aderência e que a AE expanda o espaço e o horário, talvez por vários dias porque há bastantes estudantes que não vêm à faculdade todos os dias.



A Catarina e o Eduardo estavam a vender peças em crochet e roupas em segunda mão.

Gonçalo — Podes falar-nos um pouco sobre o teu negócio?

Catarina — Faço algumas coisas em crochet, mas a maior parte é roupa em segunda mão. Tudo a preços baixinhos, queremos ser o mais éticos possíveis e combater o consumo de fast fashion ou das lojas em segunda mão que vendem roupa a preços excessivamente altos.

Gonçalo — O que estão a achar da feira?

Catarina e Eduardo — Estamos a gostar muito da iniciativa, é muito giro ver a arte das pessoas nas banquinhas. Também é muito bom para conhecer pessoal.

O Mário estava a vender roupa e artigos vários em segunda mão.

Gonçalo — O que estás a achar da feira?

Mário — Tenho gostado muito da feira, já vi os produtos das bancas e é sempre bom ver os negócios que as pessoas trouxeram. Estas iniciativas são sempre boas. Se tiver mais algo para vender, adoraria participar em futuras edições.

A Matilde participou em nome da Girassol.

Gonçalo — Podes falar-nos um pouco sobre o teu negócio?

Matilde — Sou dona da Girassol, onde vendo: brincos, pins, quadros personalizados. Estamos a trabalhar em mais algumas coisas para expandir, como pratos, vasos, etc.

Gonçalo — O que estás a achar da feira?

Matilde — É a minha primeira feira e estou a gostar muito. Achei uma excelente iniciativa. Tenho visto muitos pequenos negócios e é muito bom darem visibilidade aos estudantes.



Matérias Eternas

A minha cultura é beijos ao deitar e acordar.

A minha cultura é música até às tantas e, mesmo assim, conseguir aterrar.

A minha cultura é viagens de carro ao ponto de já não sentirmos as pernas.

E é, à mesa, falarmos de matérias eternas.

A minha cultura é pés molhados da areia na madrugada,

E é, no corredor, manter sempre a luz ligada.

A minha cultura é sofrer pela dor dos demais.

E é ensinar a amar o próximo, mas amar os nossos muito muito mais.

A minha cultura conheceu-se num bar, em 1992.

E devagarinho lá foi, cultivando docemente o seu depois.



Vera Prima



O meu eu, circa 2019.

A realidade é que me comparo aos outros em cada função que a vida leva. Até no mais inerte, no mais inato, surge a comparação.

Talvez porque ouvi a minha mãe dirigir palavras nefastas a si própria e as mesmas se encaixaram em mim, permanentemente. Talvez porque, em criança, na escola, o prato do dia era comparação.

É só uma bola de neve, cheia de “talvezes”. Não há certezas.

A única certeza que tenho é de que o meu corpo caminha para as duas décadas e em nenhuma delas me amei. Pelo menos, não com toda a plenitude do meu ser ou no sentido mais lato, alargado, da palavra amar. Foi um gostar simplório e um contentamento. Vivi, porque tinha de viver: era esse o pensamento.

Em momentos como este, surgem ímpetos otimistas. Quase não os vejo, são mínimos. Porém, dizem-me que virão amanhã melhores e, talvez – só mais um talvez –, quando for mais madura e sábia, quando já me tiverem nascido os dentes do siso, amar-me-ei, a mim, e a toda a complexidade da pessoa que julgo ser.



Motherhood



De aspirante a Veterinária para Mestre em Comunicação: uma jornada tardia, mas atempada

Durante muitos anos eu acreditei que ser veterinária era a profissão dos meus sonhos e não conseguia imaginar-me a fazer qualquer outra coisa.

Até que um dia, aos 14 anos, um professor me dirigiu estas palavras: «Tens de estar preparada para as coisas menos boas. Será que estás preparada para quando vires um animal extremamente ferido, em sofrimento e tiveres tu própria que explicar aos donos o processo da eutanásia?». Na minha rebeldia, própria da adolescência, desvalorizei as suas palavras. Afinal de contas, ele era professor de Inglês. O que é que ele sabia sobre Medicina Veterinária ou sobre as minhas capacidades para lidar com assuntos mais sensíveis? Se eu queria ser veterinária, eu seria veterinária e, por isso, esqueci momentaneamente as suas palavras.

Foi precisamente com esta certeza que entrei em Ciências e Tecnologias no secundário. Tudo estava a correr bem e eu sentia-me motivada até voltar a relembrar o que o meu professor dissera. Aí, com mais maturidade, apercebi-me finalmente da dura verdade: eu não conseguiria realizar o meu sonho, não porque não tivesse notas para isso, mas porque não tinha nem nunca tivera as capacidades emocionais para o fazer. Eu nunca seria uma boa profissional. No 12.º ano, comecei a ver os meus colegas entusiasmados para escolherem os seus cursos universitários. Parecia que todos estavam tão certos do que queriam ser, do que fariam e para onde iriam. Desejei tanto ter também essa certeza.

Decidi ficar mais um ano no secundário a fazer melhorias, esperando que um ano fosse o suficiente para decidir que curso desejava seguir. Mas um ano não foi tempo suficiente. Estava desmotivada, cansada de estudar e sem um rumo definido na minha vida. Disse aos meus pais que iria trabalhar, que se mais tarde decidisse ir estudar, assim o faria, mas que naquele momento não me parecia correcto nem justo eles estarem a suportar as despesas de um curso superior quando eu não sabia o que queria.



Adiei a minha entrada no ensino superior por seis anos. Nesses anos trabalhei muito, principalmente em supermercados. Foi fácil? Não. Não tanto pelo trabalho em si, mas porque durante seis anos vi os meus colegas a entrarem nos seus cursos de eleição, a serem praxados, a terem uma experiência académica que me parecia cativante, a formarem-se. E só quem fica para trás pode entender a dor que isso é.

Foquei-me no meu objectivo principal: trabalhar e, ao mesmo tempo, pensar que curso gostaria de seguir. Não me queria ficar pelo 12.º ano porque gostava — ainda gosto! — de estudar e sabia que teria mais oportunidades com um curso superior.

O inesgotável amor pela escrita e pela leitura pareciam indicar cada vez mais o caminho a seguir. Mas, por outro lado, também tive de lidar com comentários ingratos como: «Os sonhos não metem comida na mesa», numa clara alusão aos níveis de desemprego da área. Mas as pessoas esquecem-se que as Humanidades são bastante versáteis e nos permitem uma adaptação ao mundo actual de forma bastante mais rápida quando em comparação com outras áreas.

Aos 24 anos, decidi que estava na hora. O Concurso M23 nunca foi uma opção do meu interesse, pelo que o Concurso Nacional de Acesso foi a opção escolhida. Fiz o Exame Nacional de Inglês e, em Setembro de 2016, soube que tinha entrado no curso que queria: Línguas, Literaturas e Culturas na FLUL.

E sabem uma coisa? Fui incrivelmente feliz! A entrada na universidade e, de modo particular, na FLUL — uma faculdade pautada pela diversidade de culturas e personalidades — deu-me a certeza absoluta de que tinha feito a escolha certa. LLC tinha tudo a ver comigo e eu podia finalmente desenvolver as minhas capacidades em algo no qual sentia que era realmente boa, em algo pelo qual era — sou! — apaixonada, sem ter medo de não ser uma boa profissional.



Fiz parte da Comissão de Praxe, fiz amizades para a vida e o facto de ser mais velha não afectou de forma alguma a minha integração académica. Diria mesmo que a partilha de experiências com pessoas de diferentes idades acabou por contribuir muito para um maior enriquecimento pessoal.

Sempre soube que queria fazer um mestrado depois da licenciatura. Optei por não o fazer na FLUL, embora na altura tenha colocado essa hipótese em cima da mesa. Escolhi o ISCTE e, mais uma vez, foi uma jornada maravilhosa, pautada de altos e baixos em plena pandemia, mas sempre com a certeza de que estava no caminho certo.

Às vezes as pessoas ainda me perguntam se não tenho qualquer arrependimento por não ter seguido Medicina Veterinária ou se os seis anos que demorei até entrar na universidade foram uma perda de tempo. Não me arrependo de nada, nem acredito que tenha perdido tempo. A vida é uma aprendizagem e as lições que tiramos dela nem sempre são simples de entender. Os padrões da sociedade ditam que se não entrares na universidade aos 18 ou 19 anos és um/a falhado/a. Da mesma maneira que o ditam se não saíres da casa dos teus pais antes dos 30, se não casares nem tiveres filhos antes dos 35. Não permitam que a sociedade vos diga o que fazer com a vossa vida. Entrar aos 24 anos (ou mais tarde) é tão digno de registo como entrar aos 18. Por isso, o maior conselho que vos dou é: ponderem bem todas as possibilidades e não tenham medo de seguir a área que realmente gostam. Vão existir sempre comentários menos bons sobre as nossas escolhas, vai existir sempre alguém que nos vai criticar por termos optado por este ou por aquele caminho. Mas, no final do dia, a escolha cai e cairá sempre sobre vocês.

Deste lado, a trabalhar na minha área, e com a certeza absoluta de que os sonhos não só conseguem pôr comida na mesa, como ainda nos enchem o coração com algo que o dinheiro nunca comprará, envio-vos um abraço apertado — e, de modo particular, aos que se revêem nas minhas palavras. Podemos entrar mais tarde, mas entramos sempre a tempo. Que seja uma jornada inesquecível, FLULianos. Ad Lucem.



Bruna Santos,
Licenciada em Línguas, Literaturas e Culturas (FLUL, 2019) e
Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação (ISCTE, 2021)





Entre Águas Rasas

Sobre a areia branca, um homem
que olha para o horizonte do mar
Sucumbe.

O Som estrondoso das ondas que
embatem sobre a costa rochosa que atenua
o sofrimento do homem ali caído.

Parece consciente, mas o seu corpo
submeteu-se ao horizonte, o seu coração
sucumbiu ao oceano, mas a sua mente
resistiu à beleza que ali o incumbe.

As águas obscuras tomam conta do
seu corpo sem qualquer impedimento
do homem perdido.

Começa a ser puxado para o fundo
do oceano negro, a corrente que o
atrai inconscientemente...

De Repente, uma pessoa mergulha em
busca do homem, nada sem paragem.

Com Sucesso, o corpo do homem
flutua sobre a água, inconsciente...

Nem sinal da outra pessoa, que
parece que sucumbiu às sombras
do abismo sufocante.





Lançamento: Maio 2022